

Sujeito

Norma Almeida
Zenaide Carneiro

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ALMEIDA, N., and CARNEIRO, Z. Sujeito. In LOBO, T., and OLIVEIRA, K., orgs. *África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. pp. 70-89. ISBN 978-85-2320-888-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

SUJEITO

Norma ALMEIDA
(UEFS - PROHPOR)
Zenaide CARNEIRO
(UEFS - PROHPOR)

INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é apresentar uma descrição do sujeito, com base em documentação escrita por africanos na Bahia do século XIX, como já detalhado na introdução deste livro. Trata-se de 53 atas da Sociedade Protetora dos Desvalidos (SPD), que, além de raras, são de valor histórico inestimável para as investigações sobre o português brasileiro (PB), devido à importância da população africana e dos seus descendentes no processo de contato lingüístico no Brasil. Destacam-se, também, por terem sido escritas entre 1832 e 1842, dentro, portanto, do período em que traços da gramática do PB são apreensíveis em textos escritos no Brasil (cf. TARALLO, 1993; KATO & ROBERTS, 1993; CARNEIRO, 2005, dentre outros). Isso nos levar a supor que as construções de sujeito podem expressar um padrão do PB, com tendência ao preenchimento, ou um padrão do português europeu (PE), com menos preenchimento. Desse modo, pretendemos investigar quais as contribuições que a referida documentação pode trazer para o estudo desse fenômeno em processo de mudança no período estudado e, se forem identificados os dois padrões, tentar oferecer uma explicação, separando o uso de uma norma pautada no PE das manifestações de uma gramática nuclear do PB.

O trabalho se organiza da seguinte forma: em 1, mostraremos como vem ocorrendo a expressão do sujeito no PB; em seguida, nas seções 2 e 3, apresentaremos resultados de estudos sobre a aquisição do português como L1 e como L2; na seção 4, faremos a descrição dos dados e, finalmente, na seção 5, compararemos os resultados com os encontrados por Duarte (1993, 1995).

1. O SUJEITO NULO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Estudos comparativos entre o PE e o PB contemporâneos mostram que essas duas variedades apresentam diferenças profundas em termos gramaticais (cf. GALVES, 1983, 1988, 2001; TARALLO, 1993, dentre outros). Entre essas diferenças, está o uso do sujeito nulo referencial¹, muito mais restrito na variedade brasileira. Abaixo, temos exemplos de dois desses contextos:

(1)

a. PE: O José_i disse que _{cvij} está doente.

b. PB: O José_i disse que _{vi} está doente.

(2)

a. PE: _{cv} Viajou ontem.

b. PB: Ele viajou ontem.

Destacamos a estrutura (1), acima, como uma das diferenças fundamentais entre o PB e o PE contemporâneos, no que diz respeito ao sujeito nulo. No PE, os falantes podem interpretar a categoria vazia como *José* ou como se referindo a outra pessoa. No PB, a categoria vazia irá sempre se referir a *José*. O exemplo (2) também se caracteriza como um aspecto diferenciador entre as duas variedades, porque, em PE, só ocorre, nesse contexto, a realização do sujeito pronominal quando há a necessidade de se dar ênfase. No PB, para alguns autores, essa já é uma estrutura na qual o sujeito pleno apresenta um uso categórico².

¹ Esse é um fenômeno importante para os estudos sobre o surgimento do PB e tem tido lugar de destaque nas análises de orientação gerativista (cf. CHOMSKY, 1981, 1986), cuja noção de língua é a de um objeto mental, interno, a chamada língua-I. Nesse modelo, a aquisição se dá através da combinação de propriedades invariantes e universais, os *princípios*, e de propriedades específicas, que distinguem as línguas, os *parâmetros*. Para Chomsky, os parâmetros podem vir definidos pelos valores (+) ou (-), que são marcados à medida que a criança é exposta aos dados. Assim, quando os valores dos parâmetros estão selecionados, temos uma gramática nuclear. No entanto, a língua-I de um indivíduo é constituída por uma gramática nuclear por oposição a gramática periférica. Neste sentido, o estudo do sujeito nulo é importante, porque mostra que hoje a marcação do parâmetro do sujeito nulo ou *pro-drop* ocorre diferentemente em duas das variantes do português, a europeia e a brasileira. Esse parâmetro, conhecido como *pro-drop*, é entendido como um conjunto de propriedades estruturais, tais como a “omissão” do sujeito, a inversão sujeito/verbo e a insensibilidade ao filtro *that*. No entanto, a correlação dessas outras propriedades ao sujeito nulo tem sido questionada (cf. KAISER, 2006).

² Há algumas controvérsias com relação a esse ser ou não um contexto, em PB, de sujeito pleno categórico. No entanto, nos dados de Almeida (2005), há alguns casos em que o sujeito nulo aparece

Diversos trabalhos relacionam a mudança do estatuto do sujeito na variedade brasileira do português à redução de seu paradigma flexional verbal (DUARTE, 1993; TARALLO, 1993, dentre outros). Essa redução morfológica é, também, freqüentemente relacionada ao fato de, no Brasil, o português ter sido adquirido como L2 por diversos grupos lingüísticos, destacando-se, principalmente, os africanos, como já apontado na introdução.

Oliveira (2001) não vê essa relação e afirma que, se a redução do sujeito nulo estivesse relacionada ao processo de redução morfológica, era de se esperar um grande número de sujeitos expressos na 2ª e na 3ª pessoas, e não na 1ª, que ainda apresenta morfologia específica³. No entanto, o que ocorre é um número ainda razoável de categorias vazias na 3ª pessoa e muitos pronomes plenos na 1ª e na 2ª. Já Galves (1987, 2001) afirma que o enfraquecimento da concordância não levou a um total abandono do sujeito nulo, mas a uma reorganização em torno do tópico, aspecto já apontado no trabalho clássico de Pontes (1987).

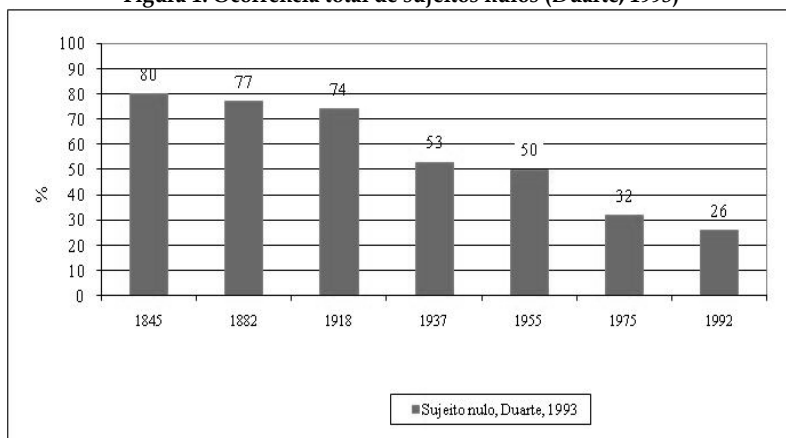
Duarte (1993) procura confirmar a hipótese da relação entre preenchimento do sujeito e redução morfológica, através de uma pesquisa que utiliza dados que vão de 1845 até 1992, já que, ao longo desse período, o PB culto passou a apresentar um paradigma verbal com apenas quatro desinências distintivas, ao invés de seis, a partir da entrada no sistema pronominal do *você* e do *vocês*, como formas de expressão da segunda pessoa⁴. A Figura 1 traz os percentuais encontrados a partir desses dados:

em sentenças raízes, mesmo não sendo resposta direta a uma pergunta. O exemplo a seguir é ilustrativo: **Doc 1:** *E ele quando saiu falou o quê? Você soube?* **Inf:** *cv Foi lá passear no... meus irmão lá em São Paulo. Al, cv falou que ia só passear lá, dar um passeio e vim em trinta dias e voltava.*

³ Confira-se Kato (1999) sobre essa questão.

⁴ De *eu canto, tu cantas, ele canta, nós cantamos, vós cantais, eles cantam* passamos para *eu canto, você canta, ele canta, nós cantamos, vocês cantam, eles cantam*. No português popular, e também no culto contemporâneo, essa redução é ainda maior se considerarmos a entrada do *a gente*, como forma de expressão da 1ª pessoa do plural.

Figura 1: Ocorrência total de sujeitos nulos (Duarte, 1993)



Os dados acima mostram a perda gradual do sujeito nulo, que apresentava, em 1845, 80% de categorias vazias e, em 1992, apenas 26%. Se os dados de Duarte (1993) refletem realmente a gramática do PB, esta ainda era, provavelmente, no século XIX, uma língua *+pro-drop*, como o italiano, conforme os percentuais apresentados para 1845 e 1882 o demonstram. Desta forma, os africanos poderiam ter tido acesso a uma gramática de sujeito nulo, tanto através da gramática do PB, quanto através da gramática do PE.

Passemos, a seguir, para a discussão de como se dá a aquisição do sujeito nulo em português como L1 (seção 2) e como L2 (seção 3).

2. AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS COMO L1

Toda a mudança que vem ocorrendo no PB, no que diz respeito ao estatuto do sujeito nulo, levou alguns pesquisadores a investigar como esse processo vem se dando na aquisição, no intuito de observar, entre outros aspectos, se a mudança em direção ao preenchimento já estaria consolidada.

Simões (1997) mostra, por exemplo, que a criança brasileira, analisada em seu estudo, tem um uso relativamente estável de categorias vazias e pronomes plenos. Mas, chama a atenção para o fato de que o percentual apresentado pela criança brasileira é menor do que o apresentado por crianças adquirindo uma língua de sujeito nulo do tipo do italiano.

Magalhães (2007), comparando a aquisição de pronomes sujeitos em PB e PE contemporâneos, chega às seguintes conclusões:

- 1) no início da aquisição, crianças brasileiras apresentam percentuais de sujeitos nulos equivalentes aos encontrados na aquisição do PE, mas, no decorrer do desenvolvimento gramatical, esses percentuais vão caindo até atingirem índices próximos aos produzidos pela gramática-alvo, ou seja, menos de 40%⁵.
- 2) os contextos em que há restrições para o uso de nulos na gramática-alvo também são contextos de maior preenchimento na fase inicial de aquisição, como, por exemplo, o contexto em que o CP⁶ está preenchido, como em

(3) ... essa que ele vai contar (RAB 077).

O mesmo é válido para as sentenças que ainda permitem sujeito nulo na língua do adulto, ou seja, são ambientes de maiores percentuais de categorias vazias também na fala das crianças, como é o caso de respostas curtas e expletivos:

(4) (Mãe): não tem banheiro nessa casa?
RAQ⁸: *cv Tem.*

A autora mostra que o grande número de nulos, na fase inicial de aquisição, ocorre, porque há uma inflação de sujeitos de 3ª pessoa do singular, sendo que, a partir do momento em que a 3ª pessoa vai sendo diluída, em favor das outras, os sujeitos nulos começam a cair.

Assim, nos perguntamos: o que esses resultados poderiam nos indicar? Será que na escrita dos africanos poderia ocorrer também uma “inflação” de determinados contextos, mascarando os resultados gerais?

No decorrer da análise, verificaremos que, diferentemente dos dados infantis, não há “inflação” de uma determinada pessoa, nem de uma determinada estrutura

⁵ Lopes (2003) também mostra que, na primeira fase de aquisição, crianças brasileiras apresentam índices de nulos altos e esse percentual vai caindo à medida que o desenvolvimento lingüístico ocorre.

⁶ Marcador de construções subordinadas.

⁷ Abreviatura usada por Magalhães (2007) para a identificação da criança.

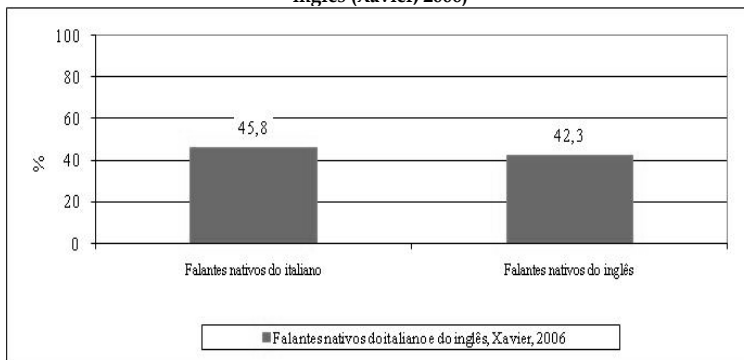
⁸ Abreviatura usada por Magalhães (2007) para a identificação da criança

sentencial nos dados das atas da SPD. Vejamos, agora, os resultados de um estudo que trata da aquisição do sujeito nulo do PB, por aloglotas, em situação de imersão.

3. AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO COMO L2

Considerando que o entendimento do presente pode iluminar o passado, verificaremos como se deu o processo de aquisição do sujeito nulo no PB contemporâneo, por aloglotas. Utilizaremos, para tanto, o estudo de Xavier (2006). A autora analisa dois grupos de indivíduos aprendendo o português: falantes do inglês (língua *-pro-drop*) e falantes do italiano (língua *+pro-drop*). Xavier (2006) mostra que não há, em certo momento da aquisição (“estágio mais avançado”), diferenças significativas entre os percentuais apresentados pelos falantes do italiano e os do inglês. Tal fato mereceu o estranhamento da autora, já que eram esperados mais nulos nos dados dos nativos italianos e menos, nos dados dos falantes nativos do inglês, pois o inglês é língua de sujeito preenchido e o italiano é uma língua de sujeito nulo, podendo haver “transferência” da L1 para a L2. A Figura 2 apresenta os percentuais gerais encontrados:

Figura 2: Dados do sujeito nulo no português utilizado por falantes do italiano e do inglês (Xavier, 2006)



Apesar de, no geral, esses índices serem próximos, a autora encontrou diferenças nas amostras dos falantes que se encontravam em distintos estágios de aquisição. Vejamos:

- 1) a informante do inglês, em estágio intermediário de aquisição, apresentou 76% de nulos, indicando um *code-switching*⁹ entre o nulo de sua gramática do espanhol (sua segunda língua) e o *default* da gramática universal (GU)¹⁰;
- 2) os informantes, também do inglês, em estágio mais avançado e em estágio inicial de aquisição, apresentaram, respectivamente, 35% e 8% de categorias vazias. Esses percentuais indicam que o indivíduo que se encontrava em fase inicial pode ter sido influenciado por sua L1 (o inglês) e o indivíduo em estágio avançado apresenta percentuais de CVs próprios do PB;
- 3) o falante do italiano, em estágio inicial de aquisição, se influenciou por sua L1, apresentando percentuais de nulos mais altos do que os usados pelo falante em estágio avançado.

Assim, a autora conclui que, em fase mais adiantada de aquisição, os aprendizes, tanto do italiano, quanto do inglês, fazem uso de estruturas próprias do PB, o que, para ela, mostra que eles tiveram acesso direto à GU¹¹, demonstrando aquisição da gramática-alvo da língua.

Será que os africanos, a exemplo dos informantes estudados por Xavier (2006), resguardado o fato de se tratar de língua escrita, irão apresentar estruturas próprias do português ou eles apresentarão estruturas muito diferenciadas? No decorrer da análise, verificaremos que, ao que parece, os africanos também atingem a gramática de sujeito nulo do português usada naquele período, demonstrando estágio avançado de aquisição.

Na próxima seção, nos deteremos na análise do sujeito nas atas produzidas pelos africanos, principal objetivo deste estudo. Levaremos em consideração apenas os pronominais referencias definidos.

⁹ *Code-switching* é entendido como o uso de duas ou mais línguas na mesma situação conversacional. É a alternância de códigos, baseada em regras de que os falantes bilíngües lançam mão (POPLACK, 1980).

¹⁰ A autora considera que o *default* da GU seria “necessariamente anterior a qualquer experiência lingüística, e é programada já no mecanismo de aquisição para garantir um comportamento que não viole as regras da GU. No caso do parâmetro *pro-drop*, o sujeito nulo foi considerado a opção *default*” (XAVIER, 2006, p. 23)

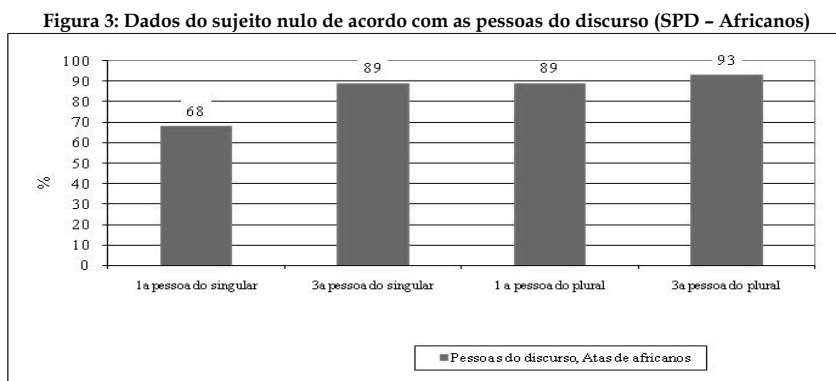
¹¹ Não discutiremos aqui se os informantes tiveram ou não acesso direto ou indireto à GU, pois esta é uma discussão teórica que não nos cabe neste momento.

4. O SUJEITO NULO NAS ATAS

Como já dito na introdução, este estudo será feito a partir da escrita, em português, de africanos no Brasil do século XIX. Assim, os dados analisados podem abrir novas perspectivas de investigação, porque iremos considerar, na medida do possível, a discussão sobre o papel relevante da aquisição, tanto por crianças, como por adultos, no estudo da mudança lingüística. Exploraremos as fontes como forma de entender se o surgimento de um novo sistema se encontra refletido na escrita desses indivíduos.

Com o objetivo de detectar algum indício de um novo sistema, procuramos considerar alguns contextos que são importantes para a análise do sujeito; são eles: *pessoa do discurso, relação pessoa do discurso e morfologia verbal, tipo de oração, animacidade ou não do sujeito, estilo +formular ou -formular do texto, década* em que o documento foi escrito (30 ou 40) e *informante*¹² que o produziu.

Foram atestadas no *corpus* quase todas as pessoas gramaticais. Vejamos a Figura 3:



Pelo tipo de sujeito que apareceu, ou seja, de 1ª pessoa do singular (38/56), 3ª pessoa do singular (16/18), 1ª pessoa do plural (51/57) e 3ª pessoa do plural (13/14), podemos dizer que não houve “inflação” de uma determinada pessoa, como ocorreu com os dados das crianças em fase inicial de aquisição, analisadas por Magalhães

¹² Como dito, para uma caracterização dos escrivães, confirmam-se Lobo e Oliveira neste volume e Oliveira (2006).

(2007). A 2ª pessoa não aparece, porque esse tipo de documento não o permite. Desta forma, não há nenhuma maneira de mascarar os dados. Nos exemplos abaixo, temos sentenças com a 1ª e a 3ª pessoas:

- (5) ... *ev faco aprezente | e de Claro que hé a meza de 1832 para 1833- | Como os primeiro fundadores que Instalaraõ esta (MSR, 23 de fev. de 1834).*
- (6) *ejuntamente aopiniaõ | da apresentaçã do Irmaõ Ex-cretario Marco Jozé do Ro-|zario, pello Capi tulo apontado pello no Seu memo Reque|rimento epor esta Conforme ev mandou passar este pormim, | em falta do Secretario - (JFO, 10 de jul. de 1842).*

O exemplo (6) foi considerado como de sujeito nulo definido, porque, nas outras sentenças do mesmo tipo, o preenchimento se dá sempre com um Sintagma Nominal (SN) bastante definido e repetido, *o provedor* (ex. 7), o que mostra que esse sujeito é determinado, inclusive pela própria estrutura da SPD:

- (7) *epor está Conforme mandou o Provedor lavra este termo, para atodo tempo Cons|tar e eu Escrivam ofes é Sobre escrevi hera Supra (JFO, 30 de out. de 1836).*

Os exemplos abaixo são casos típicos de sujeito pleno de 1ª pessoa do singular nas atas analisadas. A 1ª pessoa parece ter tido um maior índice de preenchimento por ocorrer em orações construídas a partir de expressões fixas, indicando o secretário responsável pela redação da ata:

- (8) *Sobre as nossás despoziçoins epor estar | Com forme mandou o Provedor lavra esté e eu Subr|ésCrevi Como Secretario (JFO, 01 de nov. de 1835).*
- (9) *epor | estamoz Com forme mandou a Meza Administradora que este | sefizesse e nos assignasemoz. Eu que esta subscrevi (MSR. 5 de jul. de 1835).*

Esse tipo de construção é relativamente comum em estruturas formulares, a exemplo das encontradas em cartas escritas por escrivães da administração de D. João III, rei de Portugal (1521-1557), como as apresentadas em (10):

- (10) a. *Sprita em Tomara, 38 | XIII dias d'outubro, **Antonio Affonso** a fez, de 1523. J. Rey.*

- b. Sprita 49 | em Evora, oje, segunda feira, quatro dias de julho, **Damiã Dias** a 50 | fez, de 1524. J. 51 | Rey.
- c. Feito em Evora, a doze dias d'outubro, o **secretario** a fez, 74 | 1524. J. 75 | Rey.

Já o preenchimento nas outras pessoas não é muito comum, sendo a construção (11) uma das poucas em que ocorre o preenchimento na 3ª pessoa pronominal. Em (12), temos um sujeito nulo também na 3ª pessoa:

- (11) as murta *que* os *Irmão* tiuerem|de Comprir pagar elle ficara res-|ponca vel pella as fatas do andamento|des ta de uo caõ Visto negar o despaxo|*que* a Commicaõ emViov emNome da De-uocaõ ev *que* fis easiner (MC, 2 de maio de 1841).
- (12) entre os a tuaes Socio A-|Administradores de serem chamados pri-|meira e 2ª. Vez e de Ultimo huma Junta|nodia asima <v,naõ compareceraõ> epara naõ ser Reprovado segundo|aLei do nosso Comprimiço. Capitulo 8// epara Constar-|mandou os Socios Ex *que* Este se fizescse eu|me assignase Como Sacretário **Manoel Victor Serra** (MSR. 7 de set. de 1834).

Abaixo está a Tabela com o cruzamento entre a pessoa gramatical e a morfologia verbal. Esse cruzamento foi feito, porque verificamos que há, em alguns momentos, discordância entre os traços do sujeito e os do verbo:

Tabela 1: Dados do sujeito nulo de acordo com morfologia verbal *versus* pessoa do discurso (SPD - Africanos)

| Morfologia/pessoa gramatical | 1ª pessoa do singular | 3ª pessoa do singular | 1ª pessoa do plural | 3ª pessoa do plural |
|------------------------------|-----------------------|-----------------------|---------------------|---------------------|
| Morfema -o -ei | 38/56 68% | - | - | - |
| Morfema 0 | - | 16/18 89% | - | 2/2 100% |
| Morfema -mos | - | - | 51/57 89% | - |
| Morfema -m | - | - | - | 11/12 92% |

A discordância entre o sujeito e o verbo apareceu na 3ª pessoa. Esse percentual de discordância entre os traços do sujeito e os do verbo cresce um pouco se levarmos em consideração os sujeitos lexicais. É interessante notar que essa discordância pode

ser uma conseqüência do contato entre gramáticas, que, no geral, leva a reduções morfológicas (KROCH, 1989)¹³.

Ribeiro e Lobo (2004) fizeram um estudo sobre a relação concordância e sujeito em atas de *Gregório Joaquim de Santana Gomes Ferrão*, negro brasileiro forro que fez parte da SPD em 1860. As autoras assumem as propostas de Givón (1984) e Kato (1999), concluindo que:

- 1) nas construções de sujeito nulo referencial, só a representação com afixo verbal como núcleo independente se realiza; o afixo verbal é o verdadeiro argumento externo do verbo;
- 2) nas construções ditas de sujeito nulo não-referencial, só há a realização da estrutura em que o verbo já está flexionado no léxico mental;
- 3) nas construções ditas de sujeito realizado, há dois padrões: se o elemento é topicalizado ou focalizado, a função de sujeito é realizada pela flexão, contudo, se o SN é o próprio argumento externo do predicado, a flexão do verbo se realiza na forma não-marcada de 3ª pessoa. Assim, também nas atas do escrivão *Gregório Joaquim de Santana Gomes Ferrão*, há um bom número de sujeitos nulos referenciais e há um maior número de preenchimento quando há discordância entre os traços do sujeito e do verbo e, nesses casos, o argumento externo é geralmente um SN.

Apesar de só estarmos trabalhando com os pronominais, abaixo está o exemplo (13), no qual aparece discordância entre os traços do sujeito e os do verbo, tendo um SN como sujeito:

- (13) epozemos_em execuçaõ os trato dos devitos que|ficou em Exzecuçaõ efica´ adiado para primeira |Reuniaõ entre os a tuaes Soçio A-|Administradores de serem chamados pri-meira e 2ª. Vez e de Ultimo huma Junta|nodia asima <naõ compareçeraõ> epara naõ ser Reprovado segundo|aLei do nosso Comprimiço. Capítulo 8// epara Constar-

¹³ Dentro da perspectiva da lingüística de contato, Lucchesi (2003) afirma que, em processos de transmissão lingüística irregular, há uma tendência a reduções morfológicas.

mandou os Socios Ex que Este se fizesse eu|me assignase Como Sacretário **Manoel Victor Serra** (MSR. 7 de set. de 1834).

Nesse caso, como haveria ambigüidade na identificação do sujeito, houve o preenchimento através de um SN. Essa é uma estratégia comum quando não há traços morfológicos possíveis de assumirem a função de argumento externo, a exemplo do que foi encontrado nas atas dos *Gregório Joaquim de Santana Gomes Ferrão*, analisadas por Ribeiro e Lobo (2004).

O contrário também acontece, ou seja, sujeito na 3ª pessoa do singular e verbo na 3ª do plural; nesses casos, ocorre a concordância semântica:

(14) aos vinte...a Comisção Reonida, finalizarão seos trabalho para o que famos nomidados...(GMB, 29 de dez. 1834).

Outro aspecto analisado foi a animacidade do sujeito de 3ª pessoa. Foram 80% de nulos com sujeitos animados e 100% com inanimados, confirmando outros estudos sobre o tema, que revelam que sujeitos inanimados favorecem o uso da categoria vazia, mesmo na gramática do PE atual, na qual esse ainda é um contexto de sujeito nulo categórico. É bom ressaltar que os inanimados apareceram basicamente em orações relativas com sujeito correferente, como na construção abaixo:

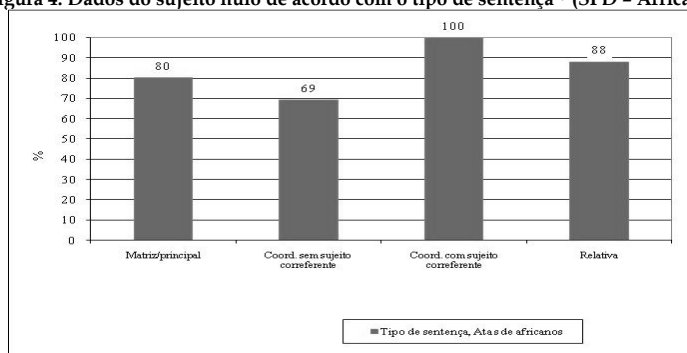
(15) Aos Vinte diás domez de Julho em-|Reuni aõ ém assa dos Devotoz de Nossa Senhora|do [?] Solidade dos Des validos foi oferecido|pello Escrivam a tual da meza Manuel Victor|Serra hu progetto oqual cv será inda des Coti-|do.(MSR, 23 de julho de 1834).

Também foi descrito o tipo de oração, uma vez que há no PB contemporâneo contextos que, ou restringem o sujeito nulo, ou o permitem, com restrição de interpretação, como no exemplo (1), colocado anteriormente. Ocorreram matrizes/principais, coordenadas com sujeito correferente e sem sujeito correferente e relativas. Não atestamos subordinadas com sujeitos pronominais¹⁴, o que, de certa

¹⁴ Apareceu apenas uma sentença adverbial com sujeito pronominal “quando elle aprezen tar a Ca da hu dos Irmão” (MSR, 23 de julho de 1834), mas não os outros tipos de subordinadas que são relevantes

forma, limita um pouco a nossa análise, já que esse é um contexto importante para a caracterização do PB em contraposição ao PE, conforme também especificado em (1). Apareceram algumas poucas sentenças que poderiam ser classificadas como subordinadas. No entanto, como não tivemos segurança na classificação, dada certa confusão na escrita, não as incluímos na análise. A seguir, está a Figura 4 com esses resultados gerais por tipo de sentença:

Figura 4: Dados do sujeito nulo de acordo com o tipo de sentença¹⁵ (SPD - Africanos)



As coordenadas com sujeito correferencial foram as que apresentaram o maior índice de categorias vazias, 100%. Diversos autores, ao analisarem o sujeito, excluem esse tipo de oração, porque categorias vazias nesse ambiente são comuns a todas as línguas, sendo uma propriedade mais geral e, portanto, não constituindo uma idiossincrasia das línguas de sujeito nulo. Entretanto, mantivemos esse tipo de sentença, porque, se pronomes plenos aparecessem nesse contexto, haveria indício de uma nova gramática, já atuante no PB atual. Esse tipo de sentença apareceu como coordenada de orações que iniciam o fechamento das atas. As frases iniciais são do tipo *Eu que escrevi*, *Eu escrivão o fiz*, e as coordenadas com sujeito nulo são do tipo *e subescrevi*, como pode ser visto no exemplo abaixo:

(16) Com forme mandou o Provedor lavra es|te termo eeu Como Secretario ofis ev eSul|bré escrevi, etc. (JFO 10 de julho de 1936).

para a discussão sobre as diferenças entre PB e PE. Essa sentença não está colocada no gráfico. É interessante a realização de um estudo sobre o tipo de oração que aparece nas atas.

¹⁵ Sentenças clivadas foram computadas como coordenadas e matrizes. Aparecem muitas clivadas do tipo: *Eu que escrevi*.

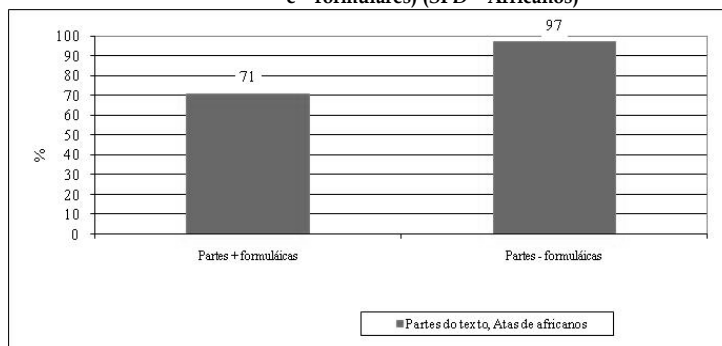
O menor percentual de nulos ocorreu nas orações coordenadas sem sujeito correferente. Esse tipo de estrutura foi também bastante produtivo em expressões formulares, como as colocadas em (8), (9), (16) e em (17) abaixo:

(17) e por |estamos Com forme mandou a Meza Administradora que este | sefizesse e nos | assignasemoz. Eu que esta subscrevi (MSR, 05 de julho de 1835).

Os outros tipos de sentença, relativas e matrizes/principais, apresentam percentuais altos e equilibrados de categorias vazias. A ocorrência de categorias vazias nas sentenças matrizes é importante, porque esse é um dos contextos de sujeito pleno “quase categórico” no PB contemporâneo, como o exemplo colocado em (2).

Outros fatores analisados foram: +formulares/ -formulares; década de 30 / década de 40 e os informantes. Desses os que se mostraram mais relevantes foram + ou - formulares e informante. A figura 5 mostra os percentuais por estilo do texto:

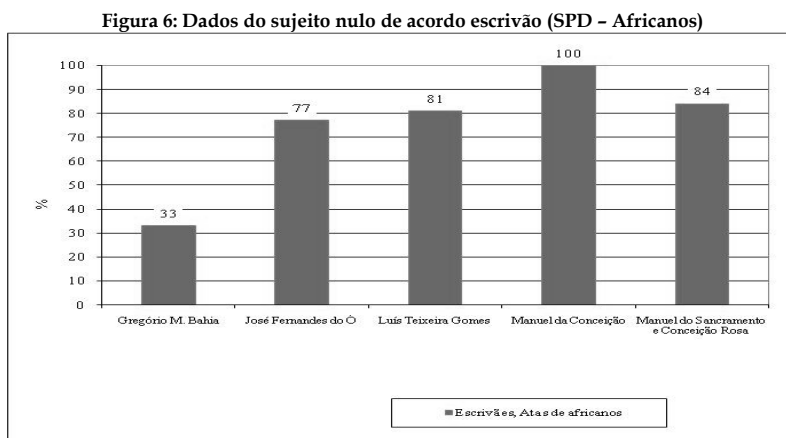
Figura 5. Dados do sujeito nulo de acordo as partes do texto (+formulares e - formulares) (SPD - Africanos)



Novamente chamamos a atenção para as sentenças como as apresentadas em (8), (9) (16), (17), pois se trata de um tipo bastante formular, ocorrendo em maior número com 1ª pessoa. Abaixo colocamos outro exemplo desse tipo:

(18) e Por estarmos conforme| eu subscrevi e cv assignei Luis Teixeira Gomes...(LTG, década de 40).

A Figura 6 mostra os percentuais por informante. São cinco indivíduos, sendo que o número de dados, em textos de dois deles – *Gregório Manuel Bahia* (1/3) e *Manuel da Conceição* (3/3) –, foi muito pequeno, não se podendo chegar a nenhuma conclusão.



Observamos uma pequena diferença de percentual nos dados de *José Fernandes do Ó*. Há que se considerar que esse informante faz muito uso das estruturas formulares, quase 60% das que foram analisadas. Tal fato nos leva a concluir que esse escrivão, talvez, se deixasse influenciar um pouco mais por traços da oralidade¹⁶, traços esses que podem ter levado a um índice maior de preenchimento, mas não ao uso de outra gramática, já que essa seria apenas uma pequena diferença quantitativa, e não qualitativa.

Assim, com exceção dos textos de *Gregório Manuel Bahia*, os índices de categorias vazias, no geral, aparecem acima dos 70% e, nas estruturas menos formulares, acima dos 90%, o que mostra que a gramática que se encontra refletida nos textos é ainda de sujeito nulo.

¹⁶ Kato (2005) afirma que, no processo de letramento, o indivíduo recupera o conhecimento gramatical de um período anterior. Dentro desta perspectiva, talvez esses africanos, mesmo sendo aprendizes do PB como L2, apresentem percentuais altos de nulos, recuperando estágios anteriores da língua. Porém, pensamos que essa recuperação não seria tão profunda a ponto de mascarar os resultados. Assim, talvez essa ainda fosse uma gramática de sujeito nulo.

5. COMPARAÇÃO COM OS DADOS DE DUARTE (1993)

Vemos que os resultados encontrados nas atas da SPD em nada diferem dos encontrados nos textos do *corpus* analisado por Duarte (1993). Tal fato nos causou certa estranheza inicial, porque as peças teatrais analisadas pela autora foram escritas por Martins Pena e França Júnior¹⁷, falantes nativos do português, mostrando, assim, que não houve, para o fenômeno em questão, diferenças significativas entre adquirir o PB como L1 ou como L2.

Sobre essa questão, Quint (2008) argumenta que o fenômeno do preenchimento no PB contemporâneo parece ser um prolongamento de uma tendência, atestada nas línguas românicas, de substituição das desinências pessoais sufixadas ao verbo por pronomes pré-verbais. Na opinião desse autor, essa tendência ao preenchimento não contou com a influência das línguas africanas para cá trazidas, o que, para ele, é provável para outros aspectos do sistema do PB¹⁸. Os resultados aqui apresentados parecem corroborar, inicialmente, a hipótese de que o contato com as línguas africanas não teria sido, no primeiro momento, crucial para o preenchimento da posição do sujeito. No entanto, outros dados poderão ou não confirmar esta hipótese.

Abaixo está a Tabela 2, na qual estão colocados os resultados por pessoa, confrontando com os percentuais encontrados por Duarte (1993, 1995), a partir de peças teatrais e os trabalhados por nós, a partir das atas da SPD:

Tabela 2: Comparação entre os percentuais de nulo encontrado nas atas e nos dados de Duarte (1993, 1995)

| Pessoa/Documentação | Resultados das Atas | Resultados de Duarte |
|-----------------------|---------------------|----------------------|
| 1ª pessoa do singular | 89/113 79% | 69% |
| 3ª pessoa do singular | 29/32 91% | 93% |

Como não há diferenças significativas entre os percentuais encontrados nos dois estudos confrontados, podemos dizer que, apesar de as condições de

¹⁷ Duarte (1993) utilizou diversos outros autores como representantes do século XX.

¹⁸ Oliveira (2006) encontrou diversos “problemas” na ortografia desses africanos, o que demonstra que traços próprios da língua oral estavam, de alguma forma, refletidos nos textos. Além disso, há uma variação na concordância nominal e verbal que parece derivar também da influência da oralidade.

aprendizagem do português pelos africanos para cá trazidos não serem, provavelmente, as ideais, houve, no que diz respeito ao uso do sujeito nulo, aquisição da gramática-alvo. Esse fato corrobora a proposta de Kato (2003), que diz que parece não haver período crítico para a aquisição da sintaxe, e, sim, da fonologia e da prosódia¹⁹. A autora argumenta que, quando a aquisição se dá por imersão, ou seja, se o ambiente de aprendizagem é natural, se os dados são robustos, não haveria diferença entre a aquisição da sintaxe de L1 e de L2. Tal hipótese foi comprovada pelos resultados aqui apresentados e também pelo estudo de Xavier (2006), no qual está demonstrado que falantes do inglês e do italiano, em estágio avançado de aquisição, usam estruturas próprias do PB, independentemente de suas línguas nativas serem ou não *pro-drop*.

Por enquanto, podemos resumir da seguinte forma as discussões e conclusões apresentadas ao longo do trabalho:

- 1) a gramática do português a que os africanos tiveram acesso era, ao que tudo indica, uma gramática de sujeito nulo²⁰;
- 2) houve a aquisição do sujeito nulo por parte dos africanos da SPD, estando esses informantes, supostamente, em estágio avançado de aquisição de L2;
- 3) a categoria vazia em posição de sujeito aparece em diferentes contextos, não havendo “inflação” de um determinada pessoa, nos termos colocados por Magalhães (2007), ou um determinado tipo de estrutura.

Toda a discussão aqui travada ficará muito mais clara quando compararmos os textos dos africanos com os textos de seus descendentes brasileiros. As atas escritas pelos negros nascidos no Brasil já são, predominantemente, da segunda

¹⁹ Talvez mudanças posteriores tenham ocorrido exatamente por conta de uma nova prosódia do PB, iniciada, provavelmente, na boca desses africanos que o aprenderam como L2. Galves *et alii* (1998) desenvolvem um projeto de pesquisa que visa a investigar mudanças sintáticas originadas a partir de mudanças prosódicas. Trata-se do projeto *Padrões rítmicos, fixação de parâmetros e mudança lingüística*, aprovado pela FAPESP. Agosto, 1998. Cf. (<http://www.ime.usp.br/~tycho/presentation>).

²⁰ É bom observar, como já dito, ao longo do texto, que há, nas atas, variação na concordância verbal, mas essa parece não ter tido uma influência direta e imediata na expressão do sujeito. Tal fato pode nos levar a questionar a relação entre morfologia verbal e preenchimento do sujeito no português popular brasileiro. Essas questões serão abordadas em estudo que estamos realizando com as atas escritas pelos brasileiros pertencentes à SPD, nos finais do século XIX.

metade do século XIX e podem trazer refletidos indícios da nova gramática brasileira, atestada por Tarallo (1993) e outros. Essa gramática teve, provavelmente, como *input* a língua usada por esses e outros africanos e também por brasileiros e até, quem sabe, por portugueses.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de. (2005). *Sujeito nulo e morfologia verbal no português falado em três comunidades rurais da Bahia*. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

AVELAR, J. (2005). Gramática, competição e padrões de variação: casos com TER/HAVER e DE/EM no português brasileiro. *Revista de estudos da linguagem*, Ouro Preto, v. XIV, p. 99-144.

BARBOSA, Pilar; KATO, Mary & DUARTE, M. Eugenia. (2000). *A distribuição do Sujeito nulo no português europeu e no português brasileiro*. In: XVI CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, Coimbra. Anais... Coimbra.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novaes. (2005). *Cartas brasileiras (1809-1907): um estudo lingüístico-filológico*. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CHOMSKY, Noam. (1986). *Knowledge of language: its origin, nature and use*. New York: Praeger. (O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso. Lisboa: Caminho, 1994).

CHOMSKY, Noam. (1981). *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. (1993). Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. (1995). *A perda do princípio "evite pronome" no português brasileiro*. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

FERREIRA, Marcelo Barra. (2000). *Argumentos nulos em português brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

GALVES, Charlotte. (1987). A sintaxe do português brasileiro. *Ensaios de lingüística*, n. 13, p. 31-50.

GALVES, Charlotte. (2007). A língua das caravelas: periodização do português europeu e origem do português brasileiro, In: CASTILHO, Ataliba de; MORAES, M. A. Torres; LOPES, R. Vasconcellos & CYRINO, S. M. Lazzarini. (Orgs.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes. p. 513-528.

- GALVES, Charlotte. (2001). *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- GALVES, Charlotte. (1993). O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- GALVES, Charlotte et alii. (1998). *Padrões rítmicos, fixação de parâmetros e mudança lingüística*. (projeto de pesquisa aprovado pela FAPESP; manuscrito não-publicado).
- GIVÓN, T. (1984). *Syntax: a functional-typological introduction*. Vol. I. Amsterdam: John Benjamins.
- KAISER, Georg A. (2006). Sobre a (alegada) perda do sujeito nulo no português brasileiro. In: LOBO, Tânia et alii. (Orgs.). *Para a história do português brasileiro*. Vol. VI: *Novos dados, novas análises*, t. I. Salvador: EDUFBA.
- KATO, Mary. (2005). A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: MARQUES, M. A.; TEIXEIRA, J.; LEMOS, A. S. (Orgs.). *Ciências da linguagem: trinta anos de investigação e ensino*. Braga: Universidade do Minho.
- KATO, Mary. (2003). Child L2: acquisition an insider account. In: MÜLLER, Natascha. (Org.). *Vulnerable domains in multilingualism*. Local: John Benjamins. p. 271-93.
- KATO, Mary. (1999). Strong and weak pronominal in the null subject parameter. *PROBUS*, v. XII, p. 1-38.
- KROCH, Anthony. (1994). *Morphosyntactic variation*. In: PROCEEDINGS OF THE 30TH ANNUAL MEETING OF THE CHICAGO LINGUISTICS SOCIETY, 2, Chicago. Anais... Chicago. p. 180-201.
- KROCH, A. (1989). Reflexes of grammar in patterns of language change. *Language, variation and change*, n. 1, p. 199-244.
- LOBO, Tânia. (2001). *Para uma sociolingüística histórica do português do Brasil: edição filológica e análise lingüística de cartas particulares do recôncavo da Bahia, século XIX*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- LOPES, Ruth. (2003). The production of subject in Brazilian Portuguese by a young child. *PROBUS*, v. XV, p. 123-146.
- LUCCHESI, Dante. (2003). O conceito de transmissão lingüística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATTI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. (Orgs.). *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- MAGALHÃES, Telma. (2007). A aquisição de pronomes sujeitos no PB e no PE. *Letras de hoje*, Porto Alegre, v. XLII, n. 1, p. 97-112.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. (2001). De fontes sócio-históricas para a história social lingüística do Brasil: em busca de indícios. In: _____. *MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. (Org.)*.

Para a história do português brasileiro. Vol. II: Primeiros estudos, t. II. São Paulo: Humanitas/ FAPESP. p. 275-302.

OLIVEIRA, Klebson. (2006). *Negros e escrita no Brasil do século XIX: sócio-história, edição filológica de documentos e estudo lingüístico*. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia, Salvador.

OLIVEIRA, Marilza. (2001). *Mudanças fonológicas explicam o enfraquecimento da morfologia verbal no PB?* In: II CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, Fortaleza. Anais... Fortaleza.

PONTES, Eunice. (1987). *O tópic no português do Brasil*. Campinas: Pontes.

POPLACK, S. (1980). Sometimes I'll start a sentence in English and y termino en español: toward a typology of code-switching. *Linguistics*, n. 18, p. 581-618.

QUINT, Nicolas. (2008). A realização do sujeito em português do Brasil: deriva *versus* criouliização. In: FIORIN, José L.; PETTER, Margarida. (Orgs.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto. p. 75-88.

RIBEIRO, Ilza; LOBO, Tânia (2004). A concordância de número entre verbo e sujeito em textos escritos por negro forro na Bahia do século XIX. In: BORBA, Sônia Bastos; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. (Orgs.). *Do português arcaico ao português brasileiro*. Salvador: EDUFBA. p. 67-82.

RIBEIRO, Ilza. (1998). A mudança sintática do PB é mudança em relação a que gramática? In: CASTILHO, Ataliba de. (Org.). *Para a história do português brasileiro. Vol. I: Primeiras idéias*. São Paulo: Humanitas. p. 101-119.

ROBERTS, Ian; KATO, Mary. (1993). (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP.

SIMÕES, Luciene Juliano. (1997). Sujeito nulo na aquisição do português do Brasil. *Cadernos de estudos lingüísticos*, Campinas, p. 105-130.

TARALLO, Fernando. (1993). Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar no final do século XIX. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP. p. 207-222.

XAVIER, Gildete R. (2006). *O português brasileiro como segunda língua: um estudo sobre o sujeito nulo*. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.